

PERMANECER OU SAIR DO CULTIVO DE TABACO: a perspectiva dos fumicultores

ANA LUIZA BACELO CORRÊA¹; DÉCIO COTRIM²; MARIO DUARTE CANEVER³

¹Universidade Federal de Pelotas – analuizabacelo@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – deciocotrim@yahoo.com.br

³Universidade Federal de Pelotas Orientador – caneverm@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, entre todos os produtos agrícolas produzidos no país, o tabaco em folha destaca-se como um dos principais produtos exportados. Segundo a AFUBRA (2017), o país é o segundo maior produtor e o maior exportador de fumo do mundo. A produção anual de todos os tipos de folhas de fumo foi de aproximadamente 731 mil toneladas na safra de 2014. Estima-se que a produção de fumo seja a fonte de renda de cerca de 186 mil famílias nos três estados do sul do país (SINDITABACO, 2017).

O tabaco é cultivado em pequenas propriedades rurais de base familiares. As atividades na lavoura são fortemente dependentes do trabalho manual. A produção de fumo é caracterizada pela multiplicidade de tarefas, excessivo esforço físico, exposição às mudanças climáticas e o manejo de agrotóxicos (FIALHO; GARCIA, 2003).

Este cultivo que significa a geração de renda das famílias também é o causador de doenças, seja pela exposição às peripécias associadas ao clima, pela sobrecarga e processo laboral ou pelas preocupações com perdas agrícolas e endividamento (RIQUINHO, 2009).

Em relação a sobrecarga e processo laboral, a fumicultura relaciona-se claramente com problemas de saúde humana, principalmente durante a colheita do tabaco, com o relato de acidentes, doenças musculoesqueléticas, intoxicação por agrotóxicos e pela doença da folha verde do tabaco. Esta última doença é causada por envenenamento agudo por nicotina absorvida pela pele no manuseio das folhas de tabaco madura (RIQUINHO; HENNINGTON, 2014).

Nesse sentido o objetivo deste trabalho é entender se os produtores pensam em parar de plantar fumo, já que existe um movimento para que diminua o consumo e a produção de tabaco.

2. METODOLOGIA

Este estudo é de cunho qualitativo e o procedimento de pesquisa utilizado foi o estudo de caso. A coleta de dados foi realizada através de entrevistas semiestruturadas com quinze famílias no município de Camaquã. O município está localizado na região Centro Sul do estado do Rio Grande do Sul. A produção de tabaco se faz presente nessa região, movimentando a economia, envolvendo 576 mil pessoas. Camaquã ocupa a nona posição no ranking de produção por município do Brasil (AFUBRA, 2017).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste estudo a maior queixa dos produtores foi referente ao trabalho exaustivo que todo o ciclo produtivo exige, e consequentemente desencadeia problemas de saúde. A penosidade da produção, principalmente nas fases da

colheita e da secagem das folhas de fumo, em conjunto com outros motivos, em especial, aos malefícios à saúde do trabalhador, tem gerado um crescente desejo dos produtores mudarem de cultivo. Quando questionados se almejavam sair da atividade do tabaco, muitos responderam que sim, argumentando que:

Eu penso pelo trabalho, o trabalho do fumo é puxado, e é no verão, aquele calor. Chega em casa tarde, já todo doído e tem que arrumar o fumo na estufa, ainda cuidar das coisas da casa (ENTREVISTADO 2, 2016).

Em análise realizada por Cotrim et al, (2016), 65% das famílias entrevistadas têm desejo de sair da dependência do tabaco. Na presente pesquisa, muitos entrevistados manifestaram desejo em parar de produzir tabaco.

Partindo de outra perspectiva, ao analisar a fala do Entrevistado 9 (2016), percebemos uma abordagem diferente quanto ao desejo de parar de plantar fumo. Observe o trecho que segue:

Eu tô parando de plantar fumo, ainda planto porque tenho umas contas que preciso pagar, mas a cada ano diminuo um pouco, mas tô parando porque a plantação de fumo vai acabar um dia. As pessoas estão parando de fumar, o governo quer que a gente pare. Então porque vou insistir num cultivo que um dia vai acabar (ENTREVISTADO 9, 2016).

Realmente o tabagismo vem diminuído a cada ano. No Brasil, nos últimos nove anos, o número de fumantes diminuiu em 30,7% (BRASIL, 2015). Porém a nível mundial, o consumo por tabaco ainda é grande, cerca de um bilhão e 200 milhões de pessoas fumam (THE LANCET, 2015).

Existe grande demanda por tabaco, a colocação da produção no mercado está garantida. Porém existe uma tendência para a diminuição do consumo de cigarro, já que é mais que comprovado os seus malefícios à saúde. Consequentemente a produção tenderá a diminuir, além da possibilidade das indústrias fumageiras deslocarem seus investimentos para outros países onde as leis trabalhistas e ambientais sejam menos rigorosas.

Para o Entrevistado 3, uma das causas do desejo de parar de cultivar o fumo é devido o processo de produção envolver quase o ano inteiro:

Começa bom (referente a plantação de fumo) e termina ruim. Porque tu cansa demais, e não tem mais fim aquilo, sempre e sempre trabalhando. Finda uma ponta já tem que estar noutra. E arrumando as estufas, sempre tem (referente a atividades a serem realizadas ao longo do ciclo produtivo) (ENTREVISTADO 3, 2016).

O ciclo vegetativo do tabaco é de aproximadamente 210 dias, entretanto as atividades não acabam com a finalização da colheita. Após colher as folhas é necessário fazer a cura, depositando-as em estufas e mantendo os fornos acessos durante as 24 horas do dia.

Os produtores entrevistados citam com muita frequência que o grande benefício de se produzir fumo é a rentabilidade econômica proporcionada pela atividade. Nas palavras do Entrevistado 2 fica evidente que o motivador principal de todo o empenho dispendido pelos produtores e seus familiares visa a recompensa econômica:

Pra dinheiro, como se diz, é o fumo, aí as outras coisas mais para casa. O fumo é, para como se diz, pra fazer dinheiro. A gente até pensa (em largar a produção de fumo), mas por enquanto não tem alguma coisa que substitua a altura (em termos financeiros) (ENTREVISTADO 2, 2016).

Existem alguns aspectos que levam os fumicultores a continuarem nesse cultivo. Ao questionar se já havia pensado em mudar de produção, devido aos problemas de saúde associados ao cultivo de tabaco, o Entrevistado 4, por exemplo, afirmou que nunca pensou em parar:

Não, nunca pensei. Já faz 45 anos que se planta fumo e não tem outra coisa. Esse ano mesmo inventei de plantar uma lavoura de milho. Gastei 10 mil só na AFUBRA comprando as coisas. Aí não entrou serviço, não entrou nada. Aí depois deu uma zebra, chuva demais. Deu para pagar a despesa enrascado. O milho sobra muito pouquinho. E se findar a plantação de fumo aqui pra nós, finda tudo, finda o interior (ENTREVISTADO 4, 2016).

A justificativa para que o produtor acredite que não tem outra coisa está relacionada ao pensamento quase unânime entre os agricultores de que em pequena propriedade na região não é capaz de reproduzir outro plantio que não seja o fumo, pois nenhum outro traz o retorno financeiro igual a esta atividade.

Os fumicultores necessitam lidar com a limitação de recursos produtivos, em especial de terra e de equipamentos, para o desenvolvimento de outras atividades, como o milho e a soja. Então, o cultivo do tabaco torna-se a principal opção destes produtores. O risco incidente sobre estas alternativas é muito maior do que no cultivo do tabaco, tanto o risco de mercado, quanto de produção. Assim, o trecho citado acima mostra como as relações de trabalho indicam uma “subordinação ao capital e dependência do ‘macro mercado’ associado à produção de commodities” (RIQUINHO; HENNINGTON, 2014, 78).

Na fala “e se findar a plantação de fumo aqui pra nós, finda tudo, finda o interior”, nos dá uma ideia do aprisionamento em que se encontra o produtor familiar na região predominantemente baseada na atividade do tabaco. Esse aprisionamento se dá através da relação do agricultor com as empresas fumageiras, as quais buscam sempre aprimorar a eficiência da produção por meio da gestão e de novos investimentos, o que gera “dependência e subordinação” (RIQUINHO, 2010). Muitas vezes a dependência é através de dívidas que os agricultores adquirem junto à indústria.

Os produtores subestimam a produção de hortaliças, frutas ou outros produtos que possam atender o mercado local, por acreditarem não gerar rendimentos suficientes para sustentar suas famílias. Assim, ao invés de utilizarem estas atividades como soluções para substituir o fumo, introduzem atividades anuais, como a soja, o milho, entre outras, que não trazem o mesmo retorno econômico por área quando comparadas ao tabaco.

O processo de diversificação não precisa estar associado à lógica econômica de comercialização. A ideia de diversificar a produção pode estar ligada a economia orçamentária da família, tendo em vista que a produção de outros cultivos na propriedade para a subsistência diminui os gastos gerados na aquisição de alimentos e suprimentos comprados no comércio comum.

Os produtores da região não são novos na fumicultura, o que dificulta a transição para outro cultivo. Conforme COTRIM et al (2016) os produtores da região Centro Sul plantam fumo em média entre 20 e 30 anos. O que se confirma neste estudo qualitativo, as famílias já têm longa convivência, experiência e conhecimento da produção. Fazendo com que sigam cultivando aquilo que já produzem há tanto tempo.

Quando questionados se produziam apenas fumo em suas propriedades, todos os entrevistados responderam que produziam alimentos para a alimentação e também para alimentação dos animais, como nos exemplos contemplados nas falas dos Entrevistados 5 e 6 (2016), respectivamente: “Plantamos milho, feijão,

tudo que é planta, assim, que é para comer, nós plantamos tudo. Não é só fumo”; “Planto fumo e milho. Milho para o gado, galinha, porco, criação”.

4. CONCLUSÕES

A penosidade da produção, principalmente nas fases da colheita e da secagem das folhas de fumo, em conjunto com os malefícios à saúde do trabalhador, tem gerado um crescente desejo dos produtores de mudarem de cultivo. Por outro lado, também foi mencionado os motivos que fazem os agricultores se manterem nesse cultivo. Os produtores entrevistados citam com muita frequência que a grande vantagem de se produzir fumo é a rentabilidade econômica proporcionada pela atividade.

Também argumentaram de que não trocavam de atividade devido ao fato dos produtores acreditarem de forma unânime de que não há outro plantio de retorno financeiro comparável com o tabaco em pequenas propriedades. Além disso, os produtores já possuem experiência nesse cultivo. Quanto à diversificação da propriedade, somente cultivam produtos para a subsistência e para alimentar os animais, nada com a intenção de gerar renda além do tabaco.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFUBRA, Associação dos Fumicultores do Brasil. Dados da Fumicultura na Região Sul e Câmara Setorial do Fumo. Disponível em:
<http://www.afubra.com.br>. Acesso em: 7 de março de 2017.

BRASIL, Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. 2015. Disponível em:< <http://www.mdic.gov.br>> . Acesso em: 8 de março de 2017.

COTRIM, D.; CANEVER, M. D.; LEITSKE, V. Os agricultores familiares que cultivam tabaco na região Centro-Sul/RS: Apresentação e análise dos dados. IN: SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, Natal, 2016. **Anais...** 2016

FIALHO, R.R.; GARCIA, E. L..O trabalho dos agricultores familiares da cultura do fumo em suas implicações nos processos de saúde-doença. **Revista Redes**, Santa Cruz do Sul – RS, v. 8, n. 2, maio/ago 2003.

RIQUINHO, D. L. A Propaganda deles é boa, e é enganosa: vida, saúde e trabalho de famílias agricultoras d o fumo no Sul do Brasil. Tese (Doutorado)- Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, 2013.

RIQUINHO, D. L.; HENNINGTON, E. A. Cultivo do tabaco no sul do Brasil: doença da folha verde e outros agravos à saúde. **Revista Ciência e Saúde**, n 19, v 12, 2014.

SINDITABACO, Sindicato interestadual da Indústria do Tabaco. Disponível em: <<http://www.sinditabaco.com.br>>. Acesso em: 6 de mar. 2017.

THE LANCET, Global Burden of Diseases, 2015. Disponível em:
< <http://www.thelancet.com/gbd/2015> >. Acesso em: 18 de outubro de 2016.